

DOI: <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2025v51id5822>**RIO SOROCABA: DE RECURSO NATURAL A "CEIFADOR DE VIDAS"**

Sorocaba River: from natural resource to 'reaper of lives'

Río Sorocaba: de recurso natural a "segador de vidas"

**Carlos Carvalho Cavalheiro<sup>1</sup>**Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4527-1894>E-mail: [carloscavalheiro@gmail.com](mailto:carloscavalheiro@gmail.com)**Paulo Celso da Silva<sup>2</sup>**Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0494-7408>

E-mail: paulo.silva@prof.uniso.br

**Resumo:** O artigo analisa como o rio Sorocaba, historicamente considerado um recurso natural essencial para o desenvolvimento urbano e econômico da cidade, passou a ser visto como "ceifador de vidas" devido à recorrência de enchentes e tragédias associadas ao seu transbordamento. O objetivo é compreender de que forma a construção simbólica e midiática da chamada "violência da natureza" contribui para a culpabilização do rio e a ocultação das causas estruturais dos desastres, como a ocupação irregular do solo e a impermeabilização das margens. O método adotado consiste na análise documental e histórica de reportagens do jornal Cruzeiro do Sul sobre as grandes enchentes de 1929, 1983 e 2024, e reflexões teóricas acerca da personificação da natureza e da estetização da violência nos meios de comunicação. O estudo conclui que a mídia, ao transformar o sofrimento em espetáculo e ao atribuir à natureza a responsabilidade pelas tragédias, reforça narrativas simplistas e desvia o foco das ações humanas e do poder público, o que perpetua a lógica da culpabilização do rio. Salienta-se a necessidade de refletir sobre essas narrativas, reconhecendo o papel dos meios de comunicação na formação do imaginário coletivo e na naturalização de desigualdades, de modo a promover políticas públicas e ambientais mais justas e eficazes, assim como uma convivência mais harmônica entre cidade, natureza e sociedade.

**Palavras-chave:** rio Sorocaba; violência; mídia.

---

<sup>1</sup> Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, Brasil.

**Abstract:** The article analyzes how the Sorocaba River, historically regarded as an essential natural resource for the city's urban and economic development, has come to be seen as a "reaper of lives" due to the recurrence of floods and tragedies associated with its overflow. The objective is to understand how the symbolic and media construction of natural violence contributes to blaming the river and concealing the structural causes of disasters, such as irregular land occupation and the impermeabilization of riverbanks. The adopted method consists of documentary and historical analysis of reports from the newspaper *Cruzeiro do Sul* on the major floods of 1929, 1983, and 2024, in addition to theoretical reflections on the personification of nature and the aestheticization of violence in the media. The study concludes that the media, by turning suffering into spectacle and attributing responsibility for tragedies to nature, reinforces simplistic narratives and diverts attention from human actions and public authorities, perpetuating the logic of blaming the river. It highlights the need to critically reflect on these narratives, recognizing the role of the media in shaping collective imagination and naturalizing inequalities, in order to promote fairer and more effective public and environmental policies, as well as a more harmonious coexistence between city, nature, and society

**Keywords:** Sorocaba river; violence; Media.

**Resumen:** El artículo analiza cómo el río Sorocaba, históricamente considerado un recurso natural esencial para el desarrollo urbano y económico de la ciudad, ha pasado a ser visto como un "segador de vidas" debido a la recurrencia de inundaciones y tragedias asociadas a su desbordamiento. El objetivo es comprender de qué manera la construcción simbólica y mediática de la violencia natural contribuye a la culpabilización del río y a la ocultación de las causas estructurales de los desastres, como la ocupación irregular del suelo y la impermeabilización de las orillas. El método adoptado consiste en un análisis documental e histórico de reportajes del periódico *Cruzeiro do Sul* sobre las grandes inundaciones de 1929, 1983 y 2024, además de reflexiones teóricas sobre la personificación de la naturaleza y la estetización de la violencia en los medios de comunicación. El estudio concluye que los medios, al transformar el sufrimiento en espectáculo y atribuir a la naturaleza la responsabilidad de las tragedias, refuerzan narrativas simplistas y desvían la atención de las acciones humanas y del poder público, perpetuando la lógica de culpabilizar al río. Se subraya la necesidad de reflexionar críticamente sobre estas narrativas, reconociendo el papel de los medios de comunicación en la formación del imaginario colectivo y en la naturalización de las desigualdades, para promover políticas públicas y ambientales más justas y eficaces, así como una convivencia más armoniosa entre ciudad, naturaleza y sociedad.

**Palabras clave:** río Sorocaba; violencia; medio.

Antes em vossas naus vereis cada anno,  
(Se he verdade o que meu juizo alcança)  
Naufragios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte.  
(Os Lusíadas, v. 44)

## 1 INTRODUÇÃO

Aparentemente, responder à pergunta “o que é violência” é tarefa fácil. Bastaria consultar um dicionário ou verbete. Com efeito, o Dicionário Mor da Língua Portuguesa, do professor Cândido Oliveira, define violência como “abuso da força com intuito de se conseguir algo; ímpeto, opressão, coação” (Oliveira, *s.d.*, p. 2.212). Paviani amplia o conceito de violência, ainda que, nas características por ele apresentadas, seja, de fato, algo inerente aos seres humanos, uma vez que depende da intencionalidade consciente:

[...] a violência pode ser natural ou artificial. No primeiro caso, ninguém está livre da violência, ela é própria de todos os seres humanos. No segundo caso, a violência é geralmente um excesso de força de uns sobre outros. A origem do termo violência, do latim *violentia*, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos, tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produzem humilhações, ameaças, ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética (Paviani, 2016, p. 8).

Mas a tentativa de conceituar violência não é tão simples assim. Decorre, em parte, de pressupostos ideológicos, da construção do senso comum e da própria ética, para atingir um conceito que se aproxime de uma ideia global sobre o sentido do termo “violência”.

É Paviani (2016) quem problematiza o conceito de violência, recorrendo a exemplos que se afastam do senso comum. Porém, em todas as exemplificações, parece que o conceito de violência está associado a uma ação inerente ao ser humano:

[...] entretanto, sob a perspectiva ética e epistemológica, é possível indagar sobre as condições que levam alguém reagir de modo violento, saber o quanto isso depende ou não de aspectos biológicos ou do grau de civilização dos indivíduos envolvidos e especialmente da vontade e da liberdade das pessoas. A tese de Žižek é de que há uma violência objetiva, resultante do sistema capitalista, mas que a violência subjetiva e simbólica (Pierre Bourdieu) é mais importante e parece apontar a questão da violência como resultado da sociabilidade humana, ou melhor, das relações conflitantes de classe. Žižek critica, por exemplo, o conceito de tolerância, considerado por alguns como uma das virtudes éticas da contemporaneidade. Para ele é uma espécie de violência, de elogio à violência invisível (Paviani, 2016, p. 10).

Portanto, a princípio, não se poderia atribuir às enchentes de um rio, por exemplo, a promoção de uma violência, ainda que desse desastre natural resultem mortes e destruições das mais variadas. Ainda está na memória coletiva de todos os que viram pelos canais de televisão a destruição causada pelo tsunami do Oceano Índico, em 2004, que ceifou mais de 220 mil vidas humanas. Mas não se pode atribuir a esse fenômeno natural a intencionalidade de promoção de todas essas mortes.

Assim, seria incorreto pensar nessas tragédias como associadas à violência. Por outro lado, é possível pensar na interpretação que o senso comum atribui aos desastres naturais como tragédias, mas também como ações violentas. Afinal, mortes e destruições costumam ser associadas a ações de violência. Para o senso comum, aparentemente, é difícil dissociar a "violência" das consequências dos desastres naturais.

O humorista e jornalista de Sorocaba, Celso Ribeiro, conhecido por Marvão, publicou em sua coluna diária no jornal *Cruzeiro do Sul*, à época do tsunami de 2004, a seguinte frase: "E vendo a extensão das mortes do maremoto do sul da Ásia, chega-se a uma trágica conclusão: os chamados santuários do meio ambiente também produzem infernos ecológicos que devastam a natureza humana" (Ribeiro, 2004, p. B5). Há uma oposição de ideias aqui – seres humanos versus natureza – que permite inferir a existência de um conflito em que um reage à ação do outro. Assim, o desastre natural passa a adquirir personalidade e, intencionalmente, devasta a natureza humana.

Atribui-se às forças da natureza uma personificação semelhante à humana. Desse modo, Camões (1876) atribui a um ser fantástico, o gigante Adamastor, as tormentas marítimas que atacavam as embarcações dos lusitanos, conforme os versos que constam na abertura deste artigo.

Da mesma forma, na mitologia grega, o herói Ulisses (ou Odisseu) enfrenta perigos do mar, mas promovidos pelo deus Poseidon. Na mitologia iorubá, Iemanjá é a rainha do mar e é ela quem decide pela vida e pela morte dos marinheiros, afinal, "Iemanjá, [é] que é dona do cais, dos saveiros, da vida deles todos" (Amado, 1995, p. 66).

No universo da literatura de Jorge Amado, os marinheiros e pescadores entendem que a morte no mar é uma deliberação da própria deusa e que, por isso, é doce morrer no mar.

Nesse sentido, é possível pensar na construção imagética do senso comum que empresta uma personalidade às forças da natureza e, então, lhe oferece a prerrogativa de produzir a violência. É desse lugar que se estrutura a argumentação deste artigo, que busca encontrar no senso comum o sentido de violência para o rio Sorocaba, principal afluente da margem esquerda do rio Tietê, no Estado de São Paulo.

Provavelmente por isso, o significado de “violência” tenha sido ampliado em nosso vocabulário na atualidade. Bem mais recente do que o Dicionário Mor da Língua Portuguesa do professor Cândido de Oliveira, o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa traz novos significados e admite, por exemplo, “a força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência”, dando como exemplo a violência de um furacão; ou mesmo a impetuosidade do vento ou o ardor do sol (Houaiss; Villar, 2001, p. 2.866).

Em outras palavras, na atualidade, admite-se a associação da palavra “violência” a uma ação de fenômenos naturais, como vento, furacão ou mesmo a intensidade do sol causticante. Provavelmente essa licença de uso do conceito de violência aplicado a esses fenômenos decorra de uma construção histórica que associou o controle desses mesmos fenômenos a seres sobrenaturais e/ou divinos.

No caso em tela, estudado neste artigo, serão revisitadas as notícias veiculadas no jornal Cruzeiro do Sul em três momentos da história de Sorocaba associados a enchentes de grandes proporções: 1929, 1983 e 2024. A escolha do veículo de comunicação justifica-se por ser o único órgão de imprensa que esteve presente nas três oportunidades.

O objetivo é compreender de que forma a construção simbólica e midiática da chamada violência natural contribui para a culpabilização do rio e a ocultação das causas estruturais dos desastres, como a ocupação irregular do solo e a impermeabilização das margens.

Com base no recolhimento das notícias sobre as enchentes nesses três momentos, analisamos os textos e os contextos em que foram produzidos, de modo a evidenciar as escolhas jornalísticas em relação ao uso de determinadas palavras (em detrimento de outras), à forma como a enchente foi retratada nas três oportunidades e às informações que foram ocultadas.

## 2 O RIO SOROCABA E AS SUAS “VIOLÊNCIAS”

Do rio que tudo arrasta, diz-se que é violento. Mas ninguém chama violentas às margens que o comprimem.  
(Bertolt Brecht)

Na Serra de São Francisco, nas proximidades da cidade de Sorocaba, as cabeceiras dos rios Sorocabuçu, Sorocamirim e Una se encontram e formam o principal rio dessa bacia, o Sorocaba. Esse rio é considerado o mais importante afluente da margem esquerda do rio Tietê, onde o Sorocaba desemboca na altura do município de Laranjal Paulista.

Pelo que se tem de informações históricas, o rio Sorocaba era navegado por canoas tripuladas por indígenas, muito tempo antes da chegada dos europeus. Na atual cidade de Sorocaba existia o Porto das Canoas, marcando a fronteira entre o trecho fluvial e o terrestre do caminho do Peabiru (Piabiyu), uma ramificação de

estradas que ligavam a América do Sul de ponta a ponta, do Atlântico ao Pacífico, no Império Inca (Barcellos, 2025).

Quando o sertanista (“bandeirante”) Baltazar Fernandes mudou-se para as suas terras, na atual Sorocaba, construiu sua fazenda às margens do rio, no ponto em que este se encontra com o córrego do Lageado, onde também instalou um moinho movido à força hidráulica.

Do rio Sorocaba também partiram, nos primeiros tempos do povoamento promovido pelos colonos, as expedições fluviais chamadas de Monções, cujo objetivo era atingir o rio Tietê e, a partir dele, navegar até a região do atual Mato Grosso, caminho esse estimulado pela descoberta de ouro em Cuiabá em 1718. Apesar de as monções partirem comumente do porto de Araritaguaba (atual Porto Feliz), algumas partiam de Sorocaba pelo seu rio.

O rio Sorocaba pertence à bacia hidrográfica do Sorocaba–Médio Tietê e, ainda na Serra de São Francisco, o salto de Itupararanga foi represado. Essa represa é responsável pelo abastecimento de água de diversas cidades, como Votorantim e Sorocaba.

Os rios, como cursos d’água navegáveis, sempre estimularam o imaginário das pessoas com assombrações, monstros ou mesmo fenômenos a princípio inexplicáveis, como rodamos e sumidouros. No rio Tietê, por exemplo, havia a lenda da existência da Boiuna, “espécie de cobra colossal que fazia virar as embarcações, de tal modo que os naufragos iam parar no fundo do rio” (Campos, 2003, p. 138).

Assombrações diversas povoavam a imaginação dos que navegavam pelos rios, como no caso das canoas fantasmas, que apareciam misteriosamente “entre a cerração porém de modo obscuro, sem poder distinguir os tripulantes claramente, margeando um dos lados do rio, não só de madrugada, como principalmente ao anoitecer” (Campos, 2003, p. 131). O que mais chamava a atenção de quem avistava as tais canoas era o fato de que “procuravam dialogar, saber de onde vinham ou para onde iam; de suas conquistas, proezas e das fortunas arrancadas das rochas, da terra ou dos leitos dos rios dourados [...] contudo, sem qualquer resposta” (Campos, 2003, p. 131).

Essas narrativas guardam semelhanças com as histórias dos marinheiros durante as chamadas Grandes Navegações. O mar era, na imaginação desses homens, um lugar habitado por monstros e sereias que desgraçavam as embarcações, consumindo a vida dos seres humanos. Mais uma vez, surge o gigante Adamastor desafiando os intrépidos lusitanos da nau de Vasco da Gama rumo a Calecute. Na época das Grandes Navegações, a imaginação das pessoas era povoada de lendas e superstições medievais que infestavam os mares de “horríveis monstros antropológicos e zoológicos, [...] lendas de ilhas fantásticas e de terrores inibitórios [...]” (Holanda, 2000, p. 12). Somente a experiência marítima passou a modificar a percepção daqueles marinheiros sobre os oceanos, de modo que “as representações fabulosas e monstruosas preexistentes se iam apagando dos roteiros, dos mapas, das imaginações, deslocando-as para outros rumos” (Holanda, 2000, p. 13).



O rio Sorocaba também tem suas lendas e seus causos. A população de outrora da cidade conta que, às horas mortas, era possível ouvir o som de uma barrica de madeira que descia celeremente a atual rua Coronel Cavalheiros e desembocava estrondosamente nas águas do rio, assustando os moradores, que entendiam ser uma assombração, pois o fato se repetia todas as noites.

Aluísio de Almeida conta que os sorocabanos acreditavam que à meia-noite as águas do rio Sorocaba paravam de correr e um silêncio assustador tomava conta das proximidades (Almeida, 1977, p. 22).

Outra pecha que pesa sobre o rio Sorocaba é a de que ele foi um “ceifador” de vidas. Inúmeras pessoas teriam se afogado nesse rio. O historiador e memorialista Antônio Francisco Gaspar, que registrou muitos fatos e costumes de Sorocaba, deixou este relato em um de seus livros:

si fossem plantadas cruzeiras nas margens do rio Sorocaba pelas almas de todos aqueles que afogados ali pereceram, deixando assim de existirem no mundo, no trecho que vae do porto dos Cavalos até o bairro Santa Rosália, não havia mais lugares para plantá-las.

O rio Sorocaba tragou dezenas e dezenas de entes cristãos.

Muitos morreram por negligência; outros desastrosamente caíram nele e sucumbiram por não saberem nadar; outros atiraram-se em suas águas suicidando-se; outros foram em passeios de bote ou canoa empurrados no auge do álcool ou brincadeiras de mau gosto, enfim ali o que é certo e verdade é, a morte ceifou elevado número de seres humanos (Gaspar, 1952, p. 8).

Essa percepção sobre o rio como “ceifador de vidas” ou como algo nefasto pode reforçar a visão negativa que se tem desse curso d’água como um obstáculo ao “progresso”, ou mesmo uma ameaça à vida humana. A retificação do rio, na década de 1950, seguiu um pouco dessa lógica: o espaço ocupado pelo curso serpenteado do rio deixava indisponível um significativo terreno que poderia – e de fato o foi – ser ocupado para outras finalidades, inclusive para a instalação de indústrias.

O rio passa a ser lido como um limitador do espaço urbano. Há algumas décadas, as regiões de Sorocaba eram entendidas como três: Centro, Além Linha e Além Ponte. Este último corresponde aos bairros que estão do outro lado do rio, além da ponte que atravessa o rio Sorocaba.

No passado, o rio teve papel crucial na formação da cidade. O fundador da vila, o “bandeirante” Baltazar Fernandes, estabeleceu sua residência na confluência do córrego do Lageado com o rio Sorocaba, aproveitando a corrente de água abundante para movimentar o moinho que construiu em sua fazenda (Cavalheiro, 2018). O rio foi utilizado também como via de transporte e comunicação. Expedições fluviais utilizavam o curso do rio Sorocaba para alcançar o Tietê, na altura de Laranjal Paulista, e, de lá, seguir adiante até o Mato Grosso.

O rio também determinou o traçado urbanístico das ruas centrais, que convergiam em forma de funil para a ponte, o que propiciou a instalação do pedágio e do controle dos impostos cobrados sobre as tropas de muares que circulavam pela cidade nas famosas feiras. O capital obtido por essas feiras sustentou a economia da cidade até a opção pela industrialização, já nas últimas décadas do século XIX.

Com o passar do tempo, essa importância foi esquecida e o rio se converteu em “obstáculo” para o melhor aproveitamento dos potenciais recursos que a cidade pode oferecer. É o rio que “impede” a ocupação de terras visadas pela especulação imobiliária; é o rio que impede a celeridade da mobilidade urbana; é o rio que transborda sempre e causa enormes danos à população [...] É o rio um “ser” violento, ceifador de vidas e óbice do “progresso”.

Esse debate ainda permanece atual e o poder público apresentou um projeto denominado “Sorocaba tem pressa”, no qual, entre tantas outras obras, se prevê a construção e o asfaltamento da marginal direita do rio Sorocaba, com “o objetivo de conferir agilidade às obras de mobilidade em andamento e iniciar novos empreendimentos viários” (Santanon, 2023).

Esse discurso se alinha à visão negativa construída sobre o rio Sorocaba ao longo dos anos. Durante o período de chuvas, as enchentes costumam ocupar um significativo espaço nos meios de comunicação e o responsável pela “violência” acaba sendo o rio. Pessoas morrem afogadas ou são arrastadas pelas correntezas das águas das cheias. As ações antrópicas – como a ocupação das áreas de várzea do rio ou a impermeabilização constante do solo – não são levadas em consideração. O vilão é o rio que transbordou e cumpriu a sua sina de ceifador de vidas.

De que modo os meios de comunicação auxiliam na construção desse imaginário do rio como promotor de violências? É esse o debate que se fará a partir deste ponto.

## 2.1 Enchentes, Alagamentos, Rio que Transborda...

A ideia de personificação ou humanização de elementos da natureza (que não são seres humanos) tem acompanhado a cosmovisão de diferentes povos e culturas. Ailton Krenak, por exemplo, traz essa perspectiva de personalização da natureza e a coloca em condição de equivalência aos seres humanos. Diz ele que:

[...] quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos [...] (Krenak, 2019, p. 49).

As lendas e mitos sobre a destruição promovida pela fúria das águas também estão presentes em diferentes tradições espalhadas pelo mundo, como na Índia, China, Egito, México e entre tribos africanas e ameríndias (Silva, 2014, p. 70). De fato, um dos mitos dos indígenas do Brasil fala de uma grande inundação:



Numa época bastante remota, os índios haviam feito um cercado de varas e cipós na boca do rio, e um homem chamado Jokurugwa (esplendor dos olhos) foi ver se havia peixe na armadilha. Qual não foi a sua surpresa, porém, ao se deparar com o espírito jakomea amarelo (também existem os espíritos jakomea vermelho e preto). Ele aproximou-se na ponta dos pés e flechou o jakomea que, para castigá-lo, mandou crescer as águas. A água fazia barulho e crescia, inundando a terra. E Jokurugwa tratou de fugir. E enquanto fugia das águas, ia avisando os índios que encontrava:

- Fugam! Fugam todos, que a água vai cobrir todos nós! (Galdino, 2016, p. 27).

Novamente, a água é um instrumento utilizado por um ser divinizado (ou, ao menos, com poderes superiores aos dos demais seres humanos) como forma de castigar os seres humanos por seus deslizes. Na tradição bíblica, Noé era um homem justo e, por isso, foi avisado pela divindade sobre a tragédia que se abateria sobre os seres humanos por meio do dilúvio.

Reconhecemos sobremaneira essa cosmovisão, pois trata a natureza (incluindo os seres humanos) como um só ente cuja sobrevivência se dá na relação interdependente. Ocorre que na cultura ocidental essa visão é inversa: natureza e humanidade são colocadas em campos opostos. Podemos complementar a fala de Krenak (2019) evidenciando outro movimento que surge a partir dessa despersonalização ou dessa ruptura dicotômica entre humanos e natureza: a posterior personalização da natureza como inimiga do ser humano.

Tão cruel quanto a despersonalização apontada por Krenak (2019), essa visão ocidental coloca a responsabilidade pelas tragédias humanas na "revolta" da natureza ou na sua simples ação de existir. Desse modo, o problema da enchente não está na ocupação irregular do espaço, na impermeabilização do solo, no volume de resíduos produzidos. O problema está na forma como a natureza "se expressa". No caso das enchentes, a causa é atribuída ao volume de chuva e ao rio que transborda.

Percebemos isso na intensidade da linguagem empregada para se referir ao rio. Em geral, dizemos que o rio "atravessa" ou "corta a cidade", quando, na realidade, o rio já estava presente em seu curso antes do povoamento humano. São os seres humanos que se aproximam dos rios, que "comprimem" suas margens por meio de construções e aberturas de avenidas.

Para ilustrar a nossa argumentação, escolhemos três momentos da história da cidade de Sorocaba em que a proporção das enchentes foi maior do que o esperado: 1929, 1983 e 2024. Para tanto, utilizamos publicações do jornal *Cruzeiro do Sul*, o único veículo de comunicação impressa que testemunhou os três eventos.

Nessas três oportunidades, o rio e as chuvas foram apresentados como os vilões que "agiram" contra os seres humanos.

## 2.2 A grande Enchente de 1929

Janeiro é um mês que, no Brasil, tendem a ocorrer volumosas chuvas. Isso faz parte do ciclo da natureza, das estações, da própria água. É esperado que, nesse mês em específico, possam ocorrer pancadas de chuva. No entanto, em algumas oportunidades, esse volume alcança proporções que contribuem para a cheia dos rios e para a ocorrência de enchentes.

Essa é considerada a primeira grande enchente do rio Sorocaba. De fato, o jornal *Cruzeiro do Sul* (1929), em sua edição de 17 de janeiro, na primeira página, reportou que a memória dos sorocabanos não registrava evento similar a esse:

[...] ao que nos informaram velhos sorocabanos, jamais se teve notícia, em Sorocaba, de uma tal enchente do nosso principal rio. Há cerca de 50 anos deu-se um transbordamento, sem entretanto, assumir as proporções de agora. Relatou-nos um morador da villa Machado que, em 1912, ouvira do sr. Elias Pacheco, antigo proprietário de terrenos nas redondezas, que dessa data havia trinta annos passados, presencéara a uma enchente, tendo sido forçado a utilizar-se de canôas para sahir de sua casa, sita, mais ou menos, onde hoje é o campo do São Paulo Athletico. Mas então, accrescentára-lhe o sr, Pacheco, as águas não subiram mais que 80 centímetros. Hoje, como dissemos, alcançam metro e meio ou pouco além.

Na mesma matéria, o jornal publicou que “a polícia tem acompanhado com solicitude o movimento, controlando as consequências do **flagelo**” (grifo nosso). No dia seguinte, a redação do jornal foi procurada pelo poeta e compositor Alberico Silvestre, que compôs a seguinte modinha sobre as enchentes: “Dezessete de janeiro / Foi dia de sensação / Para a bella Sorocaba / E sua população. / O rio que tem seu nome / E atravessa a cidade / Cresceu, subiu do seu leito / Produziu calamidade [...]”.

É bastante curioso perceber a narrativa que coloca o rio (elemento da “natureza”) em contraposição ao homem (ser “cultural”). A cidade de Sorocaba é dita como bela pelo poeta. O rio “atravessa” a cidade, ainda que estivesse presente na paisagem antes dela. A cidade é que contorna o rio, sufocando-o. Não é o rio que invade e atravessa a cidade. Nessa leitura, o rio passa a agir como um ser maligno: ele “cresce”, “sobe do seu leito” e “produz calamidade”, isto é, recebe intencionalidade. O mesmo poeta pede, no refrão: “Coragem, sorocabanos! / Calma, conterrâneos meus / Pois o mal se acabará / Se tivermos fé em Deus”.

O compositor pede a intervenção divina contra o “mal”, representado pelas cheias do rio Sorocaba. Cria-se um deslocamento simbólico: a natureza – que, por um entendimento teológico, foi criada por Deus – passa a ser tomada como ação (ou instrumento) da maldade, reforçando o binarismo composto pelo ser humano de um lado e as forças naturais de outro, um em oposição ao outro. Nessa esteira, compreende-se a reportagem do *Cruzeiro do Sul* (1929, p. 1):

[...] quando surgem flagellos como o da actual enchente do rio, o povo procura logo explicá-lo em maior exame e quasi sempre influenciado por credices. Assim, dizem uns que a actual enchente é um castigo devido á licenciosidade dos costumes de agora. Referem outros que a causa do castigo está nas contínuas perseguições que vêm sendo praticadas em Sorocaba. Ouvimos, porém, uma explicação que tem alguma coisa de científica. Afirmam-nos, baseados em conhecimentos astrológicos, que de 7 em 7 annos o planeta Marte aproxima-se da Terra, facto que sempre se annuncia por qualquer anormalidade. Agora, estamos em início de um daquelles períodos e a perturbação que isso nos trouxe foi a chuvarada que, segundo a imprensa vem noticiando, tem cahido, com maior intensidade, sobre todo mundo.

O jornalista, neste caso, aceita qualquer explicação para a tragédia e tende a aceitar aquela que possui algum verniz de “científica”, desde que o “culpado” não seja o ser humano. As casas construídas em áreas de várzea – justamente as mais prejudicadas durante as enchentes – não foram questionadas pelo jornal em nenhum momento, apesar de o problema ser conhecido. Na edição do dia 17 (Cruzeiro [...], 1929), a reportagem já anotara: “Como consequência [das chuvas], as águas do rio Sorocaba têm crescido de modo assustador, pondo em sério perigo os moradores das áreas marginaes [...]”.

### 2.3 A enchente de 1983

Aparentemente, Sorocaba voltaria a registrar uma enchente em proporções semelhantes à de 1929 apenas em 1983. Um ano antes, as chuvas também foram intensas e houve alagamentos, mas em 1983 a situação foi mais drástica em termos de volume de água transbordada.

Essa enchente ocorreu no início de fevereiro de 1983. O jornal *Cruzeiro do Sul*, edição de 2 de fevereiro de 1983, noticiou em primeira página: “Chuvas: milhares ficam desabrigados na região”. A culpa, novamente, recai sobre as chuvas e sobre o rio que transborda, e não sobre a ocupação irregular do solo, a poluição e outros fatores de ordem antrópica. O jornal noticiou ainda que “os bairros mais atingidos foram a Parada do Alto, a Vila Rica e o Pinheiros, onde a água encostou na base da ponte”.

Porém, o mais significativo para os propósitos de análise deste artigo foi a matéria impressa na página 6 dessa mesma edição. Repleta de fotos da enchente na metade alta da página do jornal, na outra metade aparece a manchete: “[...] e o rio cumpriu a ameaça”. Novamente se verifica a personalização do rio – que não apenas transbordou, mas “cumpriu uma ameaça” – em oposição aos seres humanos, tratados como vítimas de sua “violência”.

Diz a reportagem que:

aquilo que já se temia há vários meses acabou acontecendo ontem, para desespero de dezenas de famílias sorocabanas: o rio Sorocaba, cujo nível mostrava-se acima do normal desde novembro último, saltou para fora do leito após algumas horas de chuva forte, provocando inundações em diversos pontos da cidade e acarretando prejuízos materiais impossíveis de se calcular. A enchente foi ainda maior do que aquelas verificadas há um ano, atingindo residências e indústrias em bairros como Parada do Alto, Vila Rica e Pinheiros. Desta feita, houve maior número de desabrigados: segundo informações preliminares da Prefeitura, pelo menos 20 pessoas foram assistidas na Casa Transitória André Luiz e no Ginásio de Esportes, para onde foram levadas as mobílias (Cruzeiro do Sul, 1983, p. 6).

A matéria conclui com a palavra do prefeito, Flávio Chaves, sobre as ações que deveriam ser tomadas como resoluções para os problemas de cheias do rio Sorocaba naquele momento. Disse, de acordo com a reportagem, o prefeito que, quando o rio voltasse ao seu leito, a Prefeitura ajudaria as famílias atingidas pela enchente, mas que era necessário, também, “rezar para não chover mais, porque a água que está descendo, não só aqui como em várias outras cidades, não é brincadeira”.

A recorrência ao divino e a consequente culpabilização da natureza pelos danos causados deslocam do poder público e das ações humanas – incluindo as dos próprios cidadãos – a responsabilidade pela tragédia das enchentes. A culpa é da chuva e do rio. Pede-se a Deus que resolva a questão.

## **2.4 A enchente de 2024**

Essa enchente não teve o mesmo grau de severidade das anteriores, mas atingiu pontos e locais de interesse de tal modo que gerou, em certa medida, uma repercussão de grandes proporções.

As chuvas mais fortes ocorreram no dia 22 de janeiro de 2024 e foram suficientes para que as águas transbordassem em uma cidade que, devido à ocupação desenfreada do solo, com impermeabilização constante, não estava preparada para a ocorrência.

Na edição do dia 23 de janeiro de 2024, na página 6, o jornal Cruzeiro do Sul publicou a manchete: “Após 72 horas, Sorocaba tenta se recuperar”. O destaque dado pela reportagem revelou que “O Grupo de Pesquisa e Assistência ao Câncer Infantil (GPACI) acabou alagado e recebeu inúmeras doações. Próximo dali, a Capela João de Camargo teve sua estrutura interna e externa danificadas devido à chuva”.

Esses dois locais, e mais uma ponte a poucos metros da Capela, além do Hospital Evangélico, que teve um muro derrubado pela força das águas, tiveram ampla repercussão, o que mobilizou ações de voluntários para minimizar os efeitos dos danos.

Curiosamente, esses locais estão localizados em áreas “nobres” da cidade. A despeito disso, ninguém pode negar a importância de instituições de saúde como o Hospital Evangélico e o GPACI (que atende crianças com câncer) e, ainda, o valor simbólico da Capela de João de Camargo, homem negro que construiu esse templo para atender os necessitados a partir de práticas religiosas que mesclavam diferentes tradições.

Nessa mesma reportagem, a palavra “chuva” (e o verbo “choveu”) foi a que mais apareceu no texto: nove vezes. Também ocorreram as palavras “transbordamento”, “enchente”, “tempestade”, “cheias”, “águas”. Em nenhum momento se criticou a falta de estrutura para o escoamento das águas, para a ocupação próxima aos leitos de rios e córregos, entre outras ações humanas. A culpa é da chuva e do rio que insiste em transbordar.

“Os estragos **causados** pelas fortes chuvas que **atingiram** Sorocaba no último final de semana ainda podem ser vistos pela cidade” (Valio, 2024, p. 6, grifos nossos), inicia a reportagem. Segue depois, comentando que “em 72 horas **choveu mais** de 80% do previsto para todo o mês de janeiro” (grifos nossos). Percebe-se que a ideia central consiste em transferir para a chuva a culpa dos alagamentos, afinal, ela atinge Sorocaba (que é vítima, então) com um volume maior do que o previsto (ou combinado). A chuva, associada ao rio, aparece como se utilizasse de violência contra a cidade.

De outro lado, a Prefeitura e o próprio prefeito são retratados na reportagem como os “salvadores” da situação: “Diante de **tanta chuva** e **tantos estragos**, as equipes da Prefeitura de Sorocaba, bem como o prefeito Rodrigo Manga, estiveram nas ruas para atender as ocorrências” (Valio, 2024, p. 6, grifos nossos). No auge do discurso populista, o jornal enaltece a ação do prefeito, que disse a certo morador atingido pelas cheias que fizesse o cadastro para receber “o benefício da Câmara e, se não desse certo, era para entrar em contato [com o prefeito]”. A reportagem registrou a fala do morador: “Ele até deixou o contato particular dele comigo”.

Em suma, a reportagem procurou transmitir a ideia de que a causa de todo o malefício sofrido pela cidade residia no volume maior de chuvas do que o esperado. O prefeito, que continua defendendo que mais pessoas venham morar em Sorocaba, foi apresentado pela reportagem como alguém com quem a população pode contar em tempos de crise. A reportagem somente não revelou que o novo plano diretor da cidade, enviado pelo prefeito à Câmara Municipal, prevê redução de áreas verdes, maior impermeabilização do solo e a construção de uma via marginal direita que, além de reduzir a área de várzea, tenderá a provocar maiores alagamentos. Mas, na narrativa jornalística, a culpa permanecerá sendo da chuva.

### 3 CHUVAS, DEUS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO: A VIOLÊNCIA ESTETIZADA

Liv Sovik (1994), ao analisar a estetização da violência nos meios de comunicação, principalmente impressos e televisivos, oferece um caminho para compreendermos a relação entre desastres naturais, a busca por sentido religioso e a espetacularização midiática, uma vez que a violência, como já dito, é historicamente ressignificada pela religião em seus rituais e símbolos e encontra, na contemporaneidade, seu novo palco de expressão, que são os meios de comunicação.

Nas enchentes e desastres naturais, a sociedade busca explicações e conforto em narrativas que remetem ao sagrado. A ideia de “castigo divino”, por exemplo, reaparece como tentativa de atribuir sentido ao caos e ao sofrimento. Entretanto, Sovik destaca que os meios de comunicação, quando espetacularizam a violência desses eventos, acabam por transformar o sofrimento em mercadoria, explorando a atração e a repulsa que a tragédia exerce sobre o público.

Nesse contexto, a autora sugere que a busca por explicações racionais para o medo e o horror assume contornos quase religiosos, com questionamentos sobre merecimento e destino coletivo. A mídia, ao mesmo tempo em que informa sobre os desastres, também constrói narrativas que apelam para o imaginário religioso, explorando a ambivalência entre a busca por sentido e a espetacularização do sofrimento.

Nessa perspectiva, a violência veiculada, repercutida e ressignificada pelos meios de comunicação nos momentos considerados críticos passa a ser apresentada por meio de imagens e textos que explicam de maneira simplista e que frequentemente remetem ao sagrado, o que obscurece propositadamente as causas estruturais da violência e as responsabilidades sociais diante dos desastres, moldando a percepção das pessoas por meio da violência estetizada.

Nessa mesma direção, Trivinho (1994) observa que:

a construção sógnica da violência é exatamente o momento em que a própria violência se transforma em mercadoria de consumo, em ficcionalidade. Acho que isso não é por acaso, como também não é por acaso que os meios de comunicação são hoje o primeiro poder. O crescimento dessa estética da violência nos meios de comunicação cumpre uma função de satisfação projetada da agressividade retida (1994, p. 16).

Torna-se, então, urgente e essencial repensar criticamente o que, como e por que os meios de comunicação – e seus posicionamentos em torno das políticas locais – estão produzindo e reproduzindo a violência. Ao recriar significados para a violência simbólica – como a naturalização da desigualdade ou a estigmatização de grupos minoritários –, os meios de comunicação contribuem para a perpetuação da violência física e psicológica que se manifesta no cotidiano, em seu sentido mais intrínseco. Por outro lado, não se pode limitar a análise à denúncia da espetacularização do sofrimento. É preciso, antes, compreender como essa estética opera na construção de



narrativas que moldam nossa percepção da realidade e que obscurecem as causas estruturais da violência.

O cruzamento dos três eixos – chuva, religião e mídia – produz uma narrativa coletiva poderosa, capaz de mobilizar diferentes sentimentos e reações na sociedade local. De um lado, a combinação desses elementos pode despertar solidariedade, como se viu nas muitas campanhas de doação e ajuda, quando a empatia diante da situação das vítimas se torna mais evidente. A invocação religiosa e a comoção criada e retratada pela mídia são estímulos à compaixão e às ações coletivas. Por outro lado, essa mesma combinação corre o risco de gerar e reforçar fatalismo e passividade. Se a tragédia “partiu da vontade divina” ou de “outra força natural fora do controle humano”, e se as “imagens sensacionais” transformam o sofrimento em espetáculo midiático – portanto, em representação dos fatos e não em resultado das contradições sociais e/ou do descaso daqueles que as deveriam evitar –, a naturalização passa a ser uma resposta possível, imediata e consoladora, à qual devemos nos resignar aceitando a tragédia como inevitável e deixando de exigir as mudanças necessárias.

Uma comunicação de risco que não seja vertical, de cima para baixo ou restrita aos meios oficiais, sem contemplar veículos de maior acesso das populações, tende a reduzir a participação das comunidades e não garante informação clara e compreensível para a população. Como sugere Cora Catalina Quinteros, “no contexto das mudanças climáticas, a comunicação de risco deve ser cada vez mais reforçada” (La Corte, 2025). Caberia, ainda, um diálogo constante com as comunidades, com ações de esclarecimento e educação midiática, para melhor entendimento de temas científicos.

A pesquisadora afirma ainda que “Estamos presenciando no Brasil a cultura do desastre: só nos informamos e vemos divulgação quando o desastre já aconteceu” (La Corte, 2025).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fica evidente que a compreensão da violência associada aos fenômenos naturais, como as enchentes do rio Sorocaba aqui analisadas, ultrapassa a mera análise dos eventos em si. A personificação do rio como “ceifador de vidas” e a recorrente atribuição de culpa à natureza refletem uma construção histórica e simbólica, alimentada tanto por tradições culturais e políticas conservadoras quanto pela atuação dos meios de comunicação. Ao transformar o sofrimento em espetáculo e ao deslocar a responsabilidade das tragédias para elementos naturais, a mídia acaba por obscurecer as causas estruturais dos desastres e por perpetuar narrativas simplistas, que pouco dialogam com a complexidade das relações entre sociedade, ambiente e poder público.

Assim, repensar criticamente essas narrativas e os sentidos atribuídos à violência torna-se fundamental para romper com a lógica da culpabilização da natureza e avançar na construção de políticas públicas e ambientais mais justas e eficazes. É necessário reconhecer o papel ativo dos meios de comunicação na formação do

imaginário coletivo e na naturalização de desigualdades, bem como defender uma abordagem que privilegie a responsabilidade social e a busca por soluções estruturais.

O jornal analisado tem papel importante na construção do imaginário cotidiano das pessoas e, sendo assim, ao abandonar a visão do rio como inimigo, pode contribuir para uma convivência mais harmônica e consciente entre cidade, natureza e sociedade.

## AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo auxílio financeiro para desenvolvimento de projetos no observatório da Região Metropolitana de Sorocaba.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. Lendas, mitos e assombrações. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, p. 22, 4 dez. 1977.
- AMADO, J. **Mar morto**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- BARCELLOS, J. **Piabiyu**. São Paulo: Edicon, 2025.
- CAMÕES, L. V. **Episódio do gigante Adamastor** – Excerto do Canto V dos Lusíadas. Lisboa (POR): Lallémant Freres, Typ. Lisboa, 1876.
- CAMPOS, J. **Porto Feliz histórico**. Itu: Ottoni, 2003.
- CAVALHEIRO, C. C. **‘Tá vendo aquele edifício, moço?** Maringá: A. R. Publiiser, 2018.
- CRUZEIRO do Sul. Sorocaba, 18 jan. 1929.
- CRUZEIRO do Sul. Sorocaba, 1983.
- GALDINO, L. **Mitologia indígena**. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.
- GASPAR, A. F. **Cruzes e capelinhas**: tradições sorocabanas que desaparecem. Sorocaba: Do Autor, 1952.
- HOLANDA, S. B. **Visão do paraíso**. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Verbetes violência**. In: HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LA CORTE, B. Comunicação pública sobre mudanças climáticas vem após desastres e com pouco diálogo. **Jornal da USP**, São Paulo, 26 fev. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/comunicacao-publica-sobre-mudancas-climaticas-vem-apos-desastres-e-com-pouca-abertura-ao-dialogo/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

OLIVEIRA, C.. **Dicionário Mor da Língua Portuguesa**. São Paulo: Pedagógica Brasileira; Livro Mor Editora, [s. d.].

PAVIANI, J. Conceitos e formas de violência. *In*: MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educs, 2016.

RIBEIRO, C. M. Sapo N`água. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, p. B5, 29 dez. 2004.

SANTINON, E. **ESPECIAL 1.000 DIAS** – Programa “Sorocaba Tem Pressa” prevê mais de 30 obras de mobilidade, a maioria aguardada há décadas pelos moradores. Sorocaba: Prefeitura Municipal de Sorocaba, 2023. Disponível em: <https://noticias.sorocaba.sp.gov.br/especial-1-000-dias-programa-sorocaba-tem-pressa-preve-mais-de-30-obras-de-mobilidade-a-maioria-aguardada-ha-decadas-pelos-moradores/>. Acesso em: 06 jun. 2025.

SILVA, R. **Escavando a verdade**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

SOVIK, L. Violência, uma nova religião. **Revista Atrator Estranho 'Estética da violência**, São Paulo, n. 5, p. 27-28, fev. 1994.

TRIVINHO, E. Violência como construção sógnica. **Revista Atrator Estranho 'Estética da violência**, São Paulo, n. 5, p. 16, fev. 1994.

VALIO, V. K. Após 72 horas, Sorocaba tenta se recuperar. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, ano 121, n. 36.596, p. 6, 23 jan. 2024.

## DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo "Rio Sorocaba, de recurso natural a "ceifador de vidas".

Revisado por: Lesy Editorial  
E-mail: lesyeditorial@gmail.com